

A Igreja da Achadinha:

Fundação, construção, ampliações e arquitetura



Paulo Soares¹

Ao comemorar hoje, Dia Internacional de Monumentos e Sítios, celebrado sob a temática de ‘conhecer, explorar e partilhar’, a inauguração do restauro do monumento-mãe da nossa Freguesia da Achadinha, apresento esta comunicação, fruto da pesquisa de informação recolhida na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, no Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado, na Biblioteca do Nordeste, que integra uma excelente coleção açoriana, que merecia ser melhor conhecida, em particular pelos alunos da nossa Escola Secundária, se estivesse melhor localizada, e no Arquivo Paroquial da Achadinha, que possui documentos únicos e valiosos para a história cultural e social da freguesia dos últimos séculos, que urge digitalizar e salvaguardar para benefício das gerações futuras.

A Lomba da Achadinha começou a ser povoada no último quartel século XV, quando o então 3º Capitão do Donatário, D. Manuel Gonçalves da Câmara, doou a Fernão Alvares terras para desbravar, cultivar, plantar vinha e pomar, erguer casa e curral. Trouxe consigo escravos e criados e passados sete anos foi a Viseu buscar a mulher e filhos para aqui viverem, convidando outras pessoas para se instalarem na terra.

O primeiro local de culto terá sido edificado, segundo a toponímia local, no largo onde esteve a Cruz, padrão da 1ª Missão, sendo presumivelmente feita de paredes de taipa (barro amassado) e teto de colmo (palha), como as casas de então, aí existindo, até meados do século passado, uma cruz esculpida em pedra na parede do caminho, removida quando o mesmo foi alargado para a atual largura da Rua Direita.

¹Apresentação feita na inauguração do restauro do interior da Igreja a 18/4/20015.



Uma ermida de invocação a N^a S^a do Rosário foi fundada em 1529, onde está a atual igreja, quando Estêvão Coutinho (familiar de D. Filipa Coutinho que fundou o Convento da Esperança, em Ponta Delgada) e sua mulher Catarina Afonso a constroem, doando 31 alqueires de terra para Passal e rendimento da igreja. Já então a Achada possuía um cura-capelão, mas padres mendicantes percorriam também a Ilha, prestando assistência religiosa às populações.

Igreja Matriz, primeiro, só existia em Vila Franca do Campo, sufragânea de todas as igrejas de S. Miguel, dependente do Prior do Convento de Tomar, sede da Ordem de Cristo, que detinha o poder militar, civil e espiritual sobre os Açores, desde 1454.

Quando D. Manuel, como Governador e Administrador Perpétuo desta Ordem, subiu ao trono, por morte de seu primo D. João II, juntou o seu património ao da Coroa, promovendo a criação de Vilas e Igrejas Matrizes nas principais localidades da Ilha. Desde então essas Igrejas passaram a ser construídas e mantidas pelo erário público, com as receitas dos dízimos cobrados dela Fazenda local.

Seu filho, D. João III, o Piedoso, tendo em vista uma melhor assistência religiosa às populações do arquipélago, intercede junto do Papa para a criação do Bispado de Angra em 1543, mas só em 1551 os Açores passaram a ter um Bispo residente, D. Frei Jorge de Santiago. Este prelado reformista, depois de visitar as várias ilhas, reuniu Sínodo Episcopal em 1559, fazendo publicar as primeiras Constituições Episcopais em 1561, deslocando-se para o efeito a Lisboa, e morrendo pouco depois do seu regresso aos Açores.

A Paróquia da Achadinha, com vigário, nome que se dava aos párocos, é criada na sequência destas resoluções.

Com a erupção do Pico do Sapateiro, atual Lagoa do Fogo, em 1563, e os terremotos que lhe seguiram, poucas casas ficaram de pé na Achadinha, arruinando igrejas de toda costa norte, os dias “ficavam mais escuros que a noite”, no dizer de Gaspar Frutuoso seu contemporâneo, fazendo-se então muitas procissões em toda a ilha, iniciando-se as romarias quaresmais características de S. Miguel, ficando as terras da Achadinha cobertas de espessa camada de pedra-pomes e cinzas vulcânicas, introduzindo-se depois um sistema de lavagens das mesmas, canalizando água das ribeiras, para as escorrer e devolver a fertilidade aos solos.

Em 1568, quando D. Sebastião se torna Rei, aumenta a cômputo (vencimento) do vigário (pároco) da Achadinha, de dez para vinte mil reis, demitindo de si, como Administrador da Ordem de Cristo, a nomeação dos padres beneficiados como vigários, curas e outros cargos, que passam a sê-lo pelo Bispo dos Açores após prestação de provas públicas, obrigando-se a residir nas paróquias. Em 1580 a Freguesia já possuía 123 almas de confissão em 48 fogos, estando ainda em exercício o seu primeiro Vigário, o Padre Pero Vieira.

No decorrer de seiscentos a população da Achadinha aumenta significativamente, possuindo a meio da século cerca de quinhentas almas, o que se devia em grande parte à melhoria da dieta alimentar proporcionada pela introdução de novos géneros agrícolas, como a batata, o milho e leguminosas, provenientes da América. Nessa altura a igreja contava também com um Tesoureiro, pago pela Fazenda Real e em 1648 esta despense 30\$000 reis para obras de edificação da Sacristia e Capela-mor e em 1666 são atribuídos 100\$000 reis para a torre sineira.

Nossa Senhora do Rosário

Imagem que substitui a anterior no início do século XVIII



No início de setecentos a imagem da padroeira, no altar, é substituída pela atual de Nossa Senhora do Rosário. Neste século faz-se sentir na Freguesia a reforma dos costumes conduzida pela Santa Inquisição, passando a serem corrigidos e punidos com admoestações, multas e mesmo excomunhões vários comportamentos que a moral modernista reprimia. Em 1705 proibem-se aqueles que “assistiam” à missa dominical fora da igreja, respondendo do adro da mesma, à chamada do role dos confessados. O concubinato e comportamentos sexuais devassos são condenados depois de irem a julgamento, ou os pais multados se os filhos não frequentam a catequese.

Na terceira década do século XVIII, já com arco da Capela-mor e capelas colaterais, a igreja continua a ser financiada pela Coroa para a aquisição de paramentos, em 1728, sinos para a torre e respetiva ferragem, em 1731 e 1732 e trabalhos de carpintaria na Capela-mor e retábulo, dois anos depois. No entanto, quando o Bispo D. Valério de Sacramento visita a Achadinha, em 1743, constata que o templo encontrava-se bastante arruinado, tendo a torre caída e necessitando o pavimento de ser reformado. Ordena ao Vigário que solicite ao Rei o financiamento para suprir as necessidades da igreja.

Então não era permitido aos “mal enroupados” assistir à missa dominical de manhã, reservada aos senhores, lavradores, comerciantes e mestres de ofícios. Aqueles, escravos, criados e “homens de sacho” (trabalhadores rurais), assistiam à missa de madrugada, para ao nascer do sol irem a trabalhar. Na paróquia da Achadinha criam-se então a ermida de S. Bento e a capela da Salga.

Esta foi fundada por a localidade ficar distante da paroquial, possuir 160 pessoas de confissão, caminhos de acesso difíceis que o inverno dificultava devido às caudalosas ribeiras que o atravessavam, o que inviabilizava a administração dos Santos Sacramentos aos enfermos, particularmente à noite, sendo-lhe atribuído um cura residente a partir de 1747, pago pelo erário público.

Já a ermida de S. Bento teve como padroeiro fundador o Padre António d`Amaral, construindo a ermida numa terra sua, cedendo à mesma 3,5 alqueires, em testamento, para as suas despesas de manutenção, designando o Morgado da Família Amaral e Vasconcelos como administrador do vínculo após a sua morte. Em 1735 havia sido reconstruída e em 1747, na visitação do Licenciado Pedro Ferreira de Medeiros é elogiada a sua perfeição, grandeza, ornato e paramentos, mas notando a necessidade de melhorar a serventia de acesso e delimitar o adro da ermida.

Local
onde se
ergueu
a
Ermida
de São
Bento



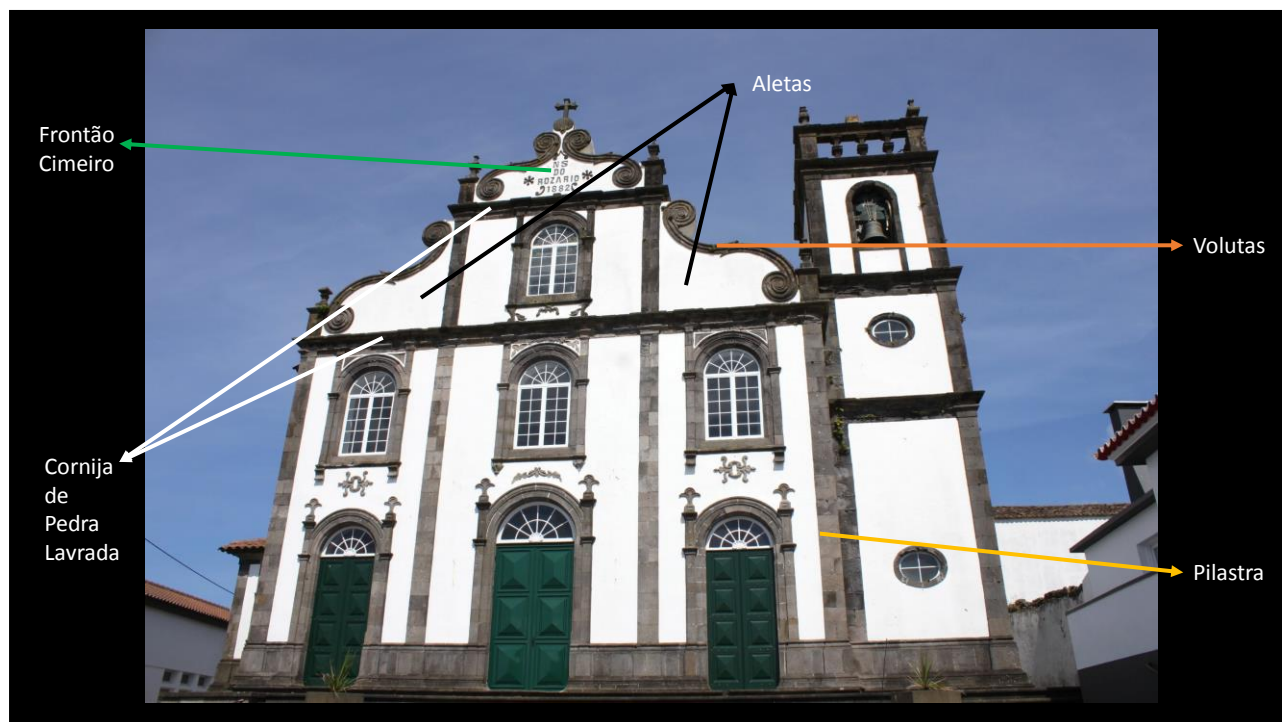
O grande terramoto de 1755, que destruiu a baixa de Lisboa, também se fez sentir na ilha, danificando, quer a igreja paroquial, quer esta ermida. Como o Padre António d'Amara já tivesse falecido, e o seu testamenteiro não procedesse à reabilitação, o Bispo visitador de 1765 incumbiu o Vigário a recorrer à autoridade judicial, no caso o Provedor de Resíduos, que fiscalizava a execução dos legados pios provenientes de testamentos. A ermida passa então a ser gerida pelo Tesoureiro da Paróquia, até que, em 1847, encontrando-se arruinada, e a sua função inicial de assistência aos “mal enroupados” não estar de acordo com os novos princípios liberais, o culto foi proibido e a imagem de S. Bento recolhida à igreja paroquial.

Azulejo da
Ermida de S.
Bento que foi
encerrada ao
culto em 1847



Na mesma visitação de 1765 o Bispo D. António Caetano da Rocha manifesta a sua grande alegria por tudo o que via na igreja paroquial, já então reedificada, sendo Vigário Manuel Moniz Medeiros.

A reconstrução da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, nos meados do século XVIII obedeceu aos princípios arquitetónicos das obras anos antes efetuadas nas Matrizes de Ponta Delgada e da Ribeira Grande, tais como as demais igrejas reconstruídas então na Ilha, seguindo o estilo da “igreja-mãe” da Companhia de Jesus em Roma, embora com algumas inovações.



O visitador de 1747 atrás referido, acentuando a intensa humidade que escorria pela fachada do edifício, ordena a remodelação da mesma de forma profunda, introduzindo-se cornijas de pedra lavrada saliente, que atravessam a sua parede na horizontal, para o respingar das águas das chuvas. Foram colocadas depois as pilastras de pedra na vertical, bem como nos cantos laterais, e não colunas, com motivos clássicos, como na igreja de Roma. O estilo barroco das igrejas de influência jesuíta também pressupunha volutas, em dupla volta nas aletas laterais superiores e no frontão cimeiro, adornando e suavizando a forma triangular do teto.

O interior do templo, contudo, manteve as características da estrutura das igrejas de três naves da antiga tradição arquitetónica das ordens de religiosos mendicantes, e não a nave única típica das igrejas barrocas. Como originalidade, em relação à maioria das igrejas de S. Miguel, a da Achadinha tem todas as janelas e as portas fronteiras com arcos de volta perfeita, em tudo semelhantes às igrejas de Água Retorta e da Pedreira, embora estes imóveis sejam de menores dimensões.

Igreja de três naves

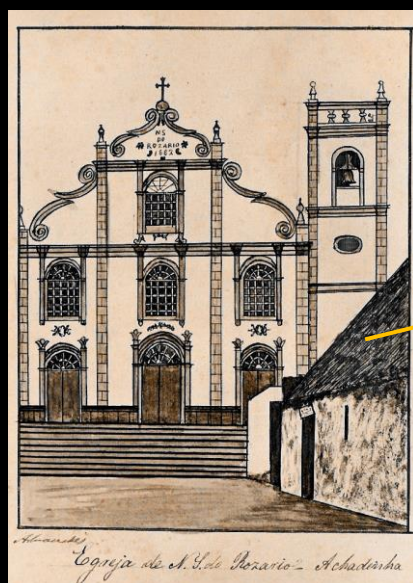


As colunas interiores, que sustentam o teto de três naves, também são singulares na Ilha, por serem cilíndricas, mais elegantes e harmoniosas que as demais, quadrangulares.

Sabe-se que em 1830 concluíram-se importantes obras na igreja, porque tal data encontrava-se esculpida no remate do frontão, como testemunha um autor de meados desse século. A igreja então era mais baixa, ao nível do atual coro alto, entrando-se para o exterior do teto pela torre onde hoje existe a porta de acesso àquele coro. Será que só então foram colocadas as volutas superiores da fachada da igreja?

No final do século a igreja volta a ser alvo de importante reedificação, sendo então alteada, até à altura atual, utilizando-se a pedra da ermida da S. Bento arruinada, engrossando-se as paredes para maior solidez do edifício, o que é testemunhado na do lado da porta de acesso à Sacristia. As obras foram concluídas em 1882, data que ainda hoje se encontra inscrita no alto do frontão.

Igreja da Achadinha alteada em 1882 Desenho da época de Graciano Abrantes



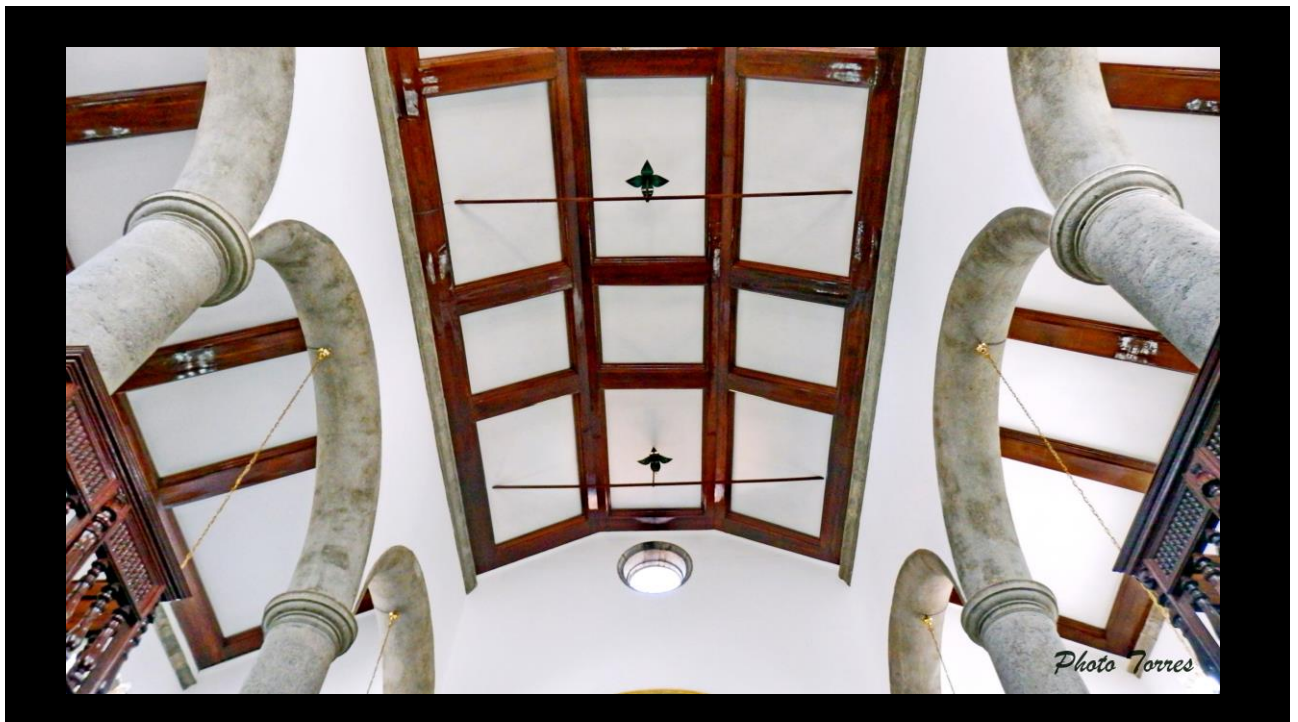
Casa de palha no
passal

Nas paredes laterais abriram-se grandes janelas, melhorando a iluminação do interior da igreja, e é nessa altura que se constrói o corpo do Batistério, copiando-se aí, na sua janela, bem como nas laterais do primeiro andar e na superior, o estilo de arcos em volta perfeita das antigas janelas e porta. As anteriores janelas aos lados da porta central foram abertas como portas secundárias.

As mais recentes obras de restauro, remodelação e ampliação do espaço da igreja ocorreram depois do Concílio de Vaticano II, até 1973, altura em que foi colocado um novo sino na torre, pois o anterior estava rachado, tendo sido enviado para Lisboa para fundir o bronze e fazer um novo. Então foi construída a sala que dá acesso à Sacristia, o quarto do Arquivo Paroquial e a Capela do Santíssimo Sacramento ganhou a forma atual, pois antes mais se assemelhava a um altar lateral, como a Capela de S. Francisco.



No interior, seguindo as orientações conciliares foram retiradas a balaustrada, cerca de madeira, que isolava a cabeceira do templo dos paroquianos, onde até então era proibido às mulheres entrarem, e homens só os que acompanhavam os oficiantes religiosos. Criou-se o novo altar mais próximo e direcionado para o público, foram alterados os altares laterais, sendo também a base das paredes interiores e as do Batistério revestidas dos azulejos policromáticos que hoje se apreciam.



O teto deixou de ter todas as esteiras que o cobriam ao mesmo nível horizontal, de

estruque branco sobre ripas, passando a ser de madeira de três esteiras na nave central e uma de cada lado, aumentando a volumetria interior do templo. As colunas e arcos que separam as naves, anteriormente revestidas a barro pintado a branco, foram reforçadas com cimento.

Concluindo, o templo em que hoje inauguramos o restauro, não teve sempre as dimensões e características que possui. Várias vezes foi reconstruído e ampliado, quer por arruinamentos provocados por terremotos e outras causas naturais, quer pelo aumento demográfico da Freguesia ou por necessidades funcionais do culto. Sendo nas antigas técnicas de construção, utilizada a de pedra seca revestida a argamassa de barro, o material poderia facilmente ser reaproveitado nas obras posteriores de reconstrução ou ampliação.

Nos séculos passados, como vimos, muitas vezes isso ocorreu. Citando o historiador Avelino Meneses, “A coroa e as populações contribuem para a manutenção do clero e a conservação do igreja, com as receitas dos dízimos para as despesas do foro eclesiástico, contudo, o projeto de maior vulto, particularmente no domínio de construções, solicita-se maior participação da coroa, mas buscam-se fontes alternativas de rendimento, avultando a utilização de receitas das confrarias, a contratação de empréstimos e até o lançamento de fintas”, com a cobrança de dinheiro ou trabalho, entre os proprietários e residentes locais, conforme as suas possibilidades.

Como grande parte do chão da freguesia pertencia, desde quinhentos, a famílias de ricos senhores, como os da Casa dos Condes de Vila Franca (posteriormente da Ribeira Grande), que eram proprietários das Lombas da Salga e do Columbreiro, esta a antiga Lomba da Terça da Capitoa D. Filipa Coutinho, cujo rendimento revertia para sustento do Convento da Esperança, e estes participavam de forma significativa nas obras da igreja, este templo possui a elegância e grandiosidade relativa que ostenta, para uma freguesia rural e distante dos principais centros urbanos da ilha.

Em síntese, é esta a herança histórica que recebemos dos nossos antepassados, desde o tempo de D. Manuel I, e que hoje damos continuidade. Como então, só podemos apreciar e restauro que hoje inauguramos, graças à orientação do Bispo dos Açores, D. António de Braga, o apoio da Comissão Diocesana dos Bens Culturais da Igreja e da Direção Regional de Cultura, ao trabalho profissional de restauradores, e aproveito a ocasião para prestar homenagem ao mestre Paulo Brasil e sua equipe, e através dele a todos os artistas e pessoas que embelezaram a nossa igreja ao longo dos séculos, e devido também à participação financeira dos contribuintes açorianos, através do nosso Governo Regional (hoje já não recorreremos ao Terreiro do Paço em Lisboa), e a partir da iniciativa, dádivas, empenho e dedicação dos paroquianos, aqui representados pela sua Comissão Fabriqueira presidida pelo Pároco Padre Válder Medeiros.

Bem hajam a todos!



18 de abril, 2015

Dia Internacional de Monumentos e Sítios

Carolina Torres Photograph

Fotografias:

Beatriz Couto
Alberto Torres
Carolina Torres

Texto:

Paulo Soares